

SCHOPENHAUER E NIETZSCHE: CRÍTICOS DA EDUCAÇÃO OITOCENTISTA ALEMÃ

Tiago Xavier¹

RESUMO

Uma vez que o ensino na Alemanha oitocentista estava corrompido por conta dos eruditos transmitirem um saber que não possibilitava a emancipação dos indivíduos devido à decadência educacional, Schopenhauer e Nietzsche aparecem para denunciar criticamente o modelo de educação presente nesta nação, se colocando como pelejadores da degeneração cultural que se cristalizava em seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Schopenhauer; Nietzsche; Erudito; Educação.

SCHOPENHAUER AND NIETZSCHE: CRITICS OF THE NINETEENTH-CENTURY GERMAN EDUCATION

ABSTRACT

Since the corruption of education in the nineteenth-century Germany by the action of the scholars who transmitted knowledge that did not enable the emancipation of individuals due to educational decadence, Schopenhauer and Nietzsche raised to denounce critically the model of education present in that nation, posing as fighters against the cultural degeneration crystallized in their time

KEYWORDS: Schopenhauer; Nietzsche; Scholar; Education.

Introdução

No primeiro momento do presente trabalho, veremos a crítica que o filósofo Arthur Schopenhauer fará ao modelo educacional presente na Alemanha oitocentista pelo fato dos eruditos (educadores da época) objetivarem apenas a informação e não a instrução, esquecendo-se de instruir os indivíduos de que a importância do cultivo de uma cultura fecunda é o que possibilita o pensar por si mesmo.

No segundo momento, contemplaremos o sentimento de apreço que Nietzsche teve por Schopenhauer devido ao fato deste não ter se furtado, criticando de forma contundente os

¹ Foi aluno do Programa de Educação Tutorial (PET) de Filosofia e pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Atualmente desenvolve pesquisas com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que articula questões ético-políticas na ética, política e filosofia da biologia evolutiva. As principais áreas de interesse são: Metafísica, Ética, Política, Filosofia da Educação, Filosofia da Ciência, Filosofia da Tecnologia. Temas de interesse: A questão da técnica; Desenvolvimento tecnológico: biotecnologia, nanotecnologia e neurotecnologia; Aprimoramento evolutivo: enhancement e moral enhancement; Transhumanismo.

eruditos de sua época, como também, por ter se resguardado em sua própria caverna, isto é, em sua própria filosofia que lhe garantiu superar a degeneração cultural presente em seu tempo, fazendo de si mesmo um homem extemporâneo.

No terceiro momento, veremos a crítica nietzschiana aos eruditos pelo fato destes não terem contribuído para que os homens se tornassem autores da sua própria história, permanecendo na impossibilidade de construir uma cultura que proporcionasse a verdadeira educação emancipatória.

Por fim, concluiremos que Schopenhauer e Nietzsche ao criticarem a educação transmitida pelos eruditos na Alemanha oitocentista, se configuram como antípodas destes indivíduos por terem reivindicado um modelo de educação que instrísse e capacitasse o homem a se tornar autor da sua própria existência; para que, desta forma, pudesse também pelear contra todo e qualquer modelo de pensamento que tentasse suprimi-lo.

A crítica schopenhaueriana

Em 1818, Schopenhauer (1788-1860) conclui a sua obra principal, *O Mundo como Vontade e como Representação*; mais tarde aparece *Parerga e Paralipomena* (1851). E em 1865, quatro anos antes de ter sido convidado a ser professor de Filologia Clássica em Basileia (Suíça), Nietzsche (1844-1900) tem o seu primeiro contato com o pensamento de Schopenhauer através de *O Mundo como Vontade e como Representação*. Dessa época até 1876, o pensamento de Schopenhauer será uma forte fonte de inspiração para o jovem Nietzsche².

Em 1872, o jovem Nietzsche elabora cinco conferências sobre a educação na sociedade acadêmica³, apontando os perigos e os problemas que haveriam de surgir por causa

² Entende-se jovem Nietzsche como a primeira fase do pensamento deste autor, na qual o mesmo recebe grande influência das ideias de Schopenhauer e do compositor e dramaturgo Richard Wagner (1813-1883), como nos mostra Giacoia: “Nesse momento, ele se encontra profundamente influenciado pela metafísica da vontade de Schopenhauer [...]. Outra influência decisiva para o jovem Nietzsche foi a teoria da arte de Richard Wagner [...]. Este também se inspirou em Schopenhauer, acreditando que a música seria a mais adequada forma de manifestação daquela força criadora do mundo, a Vontade” (GIACOIA JUNIOR, 2000, p. 31). Ele também diz que, “em contraposição ao gosto dominante entre seus contemporâneos, em matéria tanto de filosofia quanto de ciência, arte, religião, moral e política, Nietzsche se volta para a Grécia pré-socrática, com o propósito de nela buscar uma força originária, de que esperava um renascimento do espírito trágico na Europa, um contramovimento em relação ao cientificismo otimista dos tempos modernos” (*Idem, ibidem*, p. 32). E acrescenta dizendo que “[...] Nietzsche esperava da arte, especialmente da música de Wagner, uma restauração da cultura alemã, baseando-se no modelo da cultura trágica dos gregos, no mesmo espírito em que esta florescera entre eles, embalada por um senso artístico notavelmente desenvolvido e por uma postura corajosa perante o drama da existência” (*Idem, ibidem*, p. 32, o negrito é meu).

³ Das cinco conferências que Nietzsche pretendia proferir, apenas três são apresentadas; um problema de garganta fez com que ele não apresentasse as outras duas.

da má qualidade de ensino que estava sendo inserido na educação de sua época⁴; ensino este que não capacitava os cidadãos a terem uma visão de lince⁵ que os ajudasse a perceber que uma boa educação só pode subsistir se o povo preservar o brilho de sua cultura, lutando e defendendo-a de toda e qualquer espécie de ninharia como fez Schopenhauer.

Antes mesmo de Nietzsche proferir as suas conferências, Schopenhauer já havia denunciado em *Parerga e Paralipomena* a péssima gestão de ensino que estava se consolidando na Alemanha oitocentista:

Quando observamos a quantidade e a variedade dos estabelecimentos de ensino e de aprendizado, assim como o grande número de alunos e professores, é possível acreditar que a espécie humana dá muita importância à instrução e à verdade. Entretanto, nesse caso, as aparências também enganam. Os professores ensinam para ganhar dinheiro e não se esforçam pela sabedoria, mas pelo crédito que ganham dando a impressão de possuí-la. E os alunos não aprendem para ganhar conhecimento e se instruir, mas para poder tagarelar e para ganhar ares de importantes. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 19, § 1).

Schopenhauer via a forma decadente com que os professores de sua época conduziam a cultura e a educação alemã, por isso os criticara; não aceitando com que a Alemanha, lugar fecundo, onde brotou vários espíritos notáveis, dos quais se destacam Goethe (1749-1832), Beethoven (1770-1827), Wagner (1813-1883) e tantos outros, sucumbisse ao modismo, à insignificância, à idiotice e à decadência dos eruditos com a sua erudição infecunda que tinha “em mira apenas a *informação*, não a *instrução*” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 20, § 2). Por tudo isso, diz Schopenhauer:

Para a imensa maioria dos eruditos, sua ciência é um meio e não um fim. Desse modo, nunca chegarão a realizar nada de grandioso, porque para tanto seria preciso que tivessem o saber como meta, e que todo o resto, mesmo sua própria existência, fosse apenas um meio. Pois tudo o que se realiza em função de outra coisa é feito apenas de maneira parcial, e a verdadeira excelência só pode ser alcançada, em obras de todos os gêneros, quando elas forem produzidas em função de si mesmas e não como meio para fins ulteriores. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 21, § 4).

E ainda:

⁴ Ler *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* (1872). Texto que permaneceu inédito durante a vida do autor e só foi publicado postumamente.

⁵ Pessoa que tem uma visão excepcional. A expressão lince não tem nada a ver com o animal mamífero, carnívoro, da família dos Felídeos. É uma expressão originária de Linceu (herói da mitologia grega). Segundo a lenda, Linceu tinha visão formidável.

Entretanto os eruditos, em sua maioria, estudam exclusivamente com o objetivo de um dia poderem ensinar e escrever. Assim, sua cabeça é semelhante a um estômago e a um intestino dos quais a comida sai sem ser digerida. Justamente por isso, seu ensino e seus escritos têm pouca utilidade. Não é possível alimentar os outros com restos não digeridos, mas só com o leite que se formou a partir do próprio sangue. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 21-22, § 4).

Schopenhauer enxergava os eruditos como indivíduos que escreviam apenas em favor da sobrevivência do estômago, deixando de lado o agir e o criar emancipatório; reduzindo o filosofar a medíocres manjares, aplausos e patentes de cargos públicos. Fazendo da cultura e do conhecimento “uma boa vaca que lhes fornece leite” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 25, § 7), e não uma ferramenta de instrução. Para Schopenhauer,

no entanto, só se dedicará a um assunto com toda a seriedade alguém que esteja envolvido de modo imediato e que se ocupe dele com amor, *con amore*. É sempre de tais pessoas, e não dos assalariados, que vêm as grandes descobertas. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 23, § 6).

Schopenhauer entendia que a cada três décadas nascia no mundo uma geração de indivíduos pedantes – que, devorando de forma resumida e apressada os resultados do saber humano acumulado durante milênios, julgava-os como menos importantes e os substituíam pelos saberes vigentes da época⁶. (SCHOPENHAUER, 2011, p.19, § 1). Estes diletantes que se passavam por sábios, estavam presentes na Alemanha oitocentista. Eram eles que exaltavam a fragmentadora do saber, a ciência: espécie de saber que se dedicava “apenas a um campo muito específico, sem dar importância a todo o resto” (*Idem, ibidem*, p. 30, § 11).

Esse tipo de saber, segundo Schopenhauer, não servia para a formação do homem, pois tal saber não tinha uma visão geral das coisas. O único saber que tinha a capacidade de olhar para o todo era o saber filosófico: o que reúne “as extremidades mais afastadas da vontade humana” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 31, § 11). Pois a verdadeira formação para a humanidade exige esse tipo de atividade. E o homem erudito, junto com a sua ciência, estava longe de executar tal proeza, por isso não merecia ser considerado educador, espírito de primeira categoria ou gênio, como nos mostra o próprio Schopenhauer:

Espíritos de primeira categoria nunca se tornarão especialistas eruditos. Para eles, como tais, a totalidade da existência é que se impõem como problema, e é sobre ela que cada um deles comunicará à humanidade novas soluções, de uma forma ou de outra. Pois só pode merecer o nome de gênio alguém que assume como o tema de suas realizações a totalidade, aquilo que é

⁶ A especialização científica.

grandioso, as coisas essenciais e gerais, e não alguém que dedica os esforços de sua vida a esclarecer qualquer relação específica de objetos entre si. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 31, § 11).

Os eruditos, com o seu saber científico e o seu falso espírito de gênio, se passavam por sábios e seduziam a massa a buscar distrações nos romances, comédias e poesias medíocres do momento, induzindo-a a acreditar que aí encontrariam um ensino válido. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 24, § 7). Esse tipo de sedução garantia o engordar de suas carteiras, já que eram eles os escritores em voga. Além de tal sedução garantir aos eruditos a falsa postura de sábios perante a massa, seduzindo-a a beber sempre em suas fontes estéreis, os mesmos embargavam o nascimento de espíritos eminentes – fazendo dos homens indivíduos dóceis e submissos, não representando nenhum perigo para o Estado.

Para Schopenhauer, pensar, escrever e educar não se tratava apenas de sobreviver, mas de criar, de agir, de combater. Quando o pensar é reduzido exclusivamente ao lucro, a construção de um libertar do homem sobre a tirania do Estado é esquecido. Nesse sentido, Schopenhauer via os eruditos não como gênios, mas sim como fomentadores de uma cultura, de uma ciência e de um saber que não combatia a tirania do Estado. Pois em sua ciência e em seus escritos não havia nada de belo e edificante que estimulasse nos homens um gosto nobre e elevado de cultura, de vida. Nos eruditos só se via, quando se tinha uma visão formidável, um saber vazio encoberto por um estilo pueril.

Schopenhauer entendia que o fato dos eruditos não transmitir aos homens um pensamento edificante que os ajudassem a serem senhores de seu próprio saber e de si mesmos, estava relacionado também ao fato dos mesmos terem seus pensamentos formados em pensamentos alheios devidamente desorganizados e indomáveis. Segundo o próprio Schopenhauer,

uma grande quantidade de conhecimentos, quando não foi elaborado por um pensamento próprio, tem muito menos valor do que uma quantidade bem mais limitada, que, no entanto, foi devidamente assimilada. Pois é apenas por meio da combinação ampla do que se sabe, por meio da comparação de cada verdade com todas as outras, que uma pessoa se apropria de seu próprio saber e o domina. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 39, § 1).

Para Schopenhauer, um indivíduo pode se dedicar de forma arbitrária à leitura e ao aprendizado. Já ao pensamento, isso não é possível, pois, segundo ele, “o indivíduo precisa ser atizado; precisa ser ocupado por algum interesse nos assuntos para os quais se volta” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 39, § 1), para que o mesmo possa sentir a incrível diferença

que o pensamento próprio tem sobre o espírito. Schopenhauer também diz que ler demasiadamente, tira do espírito a elasticidade,

da mesma maneira que uma pressão contínua tira a elasticidade de uma mola. O meio mais seguro para não possuir nenhum pensamento próprio é pegar um livro nas mãos a cada minuto livre. Essa prática explica por que a erudição torna a maioria dos homens ainda mais pobres de espírito e simplórios do que são por natureza, privando também seus escritos de todo e qualquer êxito. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 41, § 2).

E ainda:

Os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fochos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 41, § 2).

Na ótica schopenhaueriana, o indivíduo só deve mergulhar nas leituras quando a fonte de seus pensamentos próprios estiver seca. Pois “renegar os pensamentos próprios, originais, para tomar um livro nas mãos” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 42, § 4), é pecar contra o espírito.

Por haver inautenticidade em seus pensamentos, os eruditos não eram capazes de criar ideias genuínas como fazem os verdadeiros pensadores, já que a diferença entre um pensador e um erudito na ótica schopenhaueriana, é ter a capacidade de parir seus próprios pensamentos. Pois no processo de gestação há aí um dissecar e analisar de ideias para que o nascimento de ideias próprias venha à tona com todos os seus membros natural, sem nariz de cera, braços e pernas artificiais. E é isso que constitui um filósofo, mas nunca um erudito. Pois,

o produto espiritual de quem pensa por si mesmo é semelhante a um belo quadro, cheio de vida, com luzes e sombras precisas, uma tonalidade bem definida e uma perfeita harmonia das cores. Em contrapartida, o produto espiritual do erudito é como uma grande paleta cheia de tintas coloridas, dispostas de maneira ordenada, mas sem harmonia, coesão e significado. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 43 e 44, § 4).

Diante do exposto, fica claro que diferentemente do erudito, Schopenhauer valorizava o pensar por natureza. Esse pensar deveria ser tão natural quanto à respiração. Mas mentes assim, como o próprio diz, “são muito raras, por isso não se encontram muitas delas em meio aos eruditos” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 40, § 1) pelo fato do conhecimento dos mesmos se assemelhar a um membro artificial que não foi conquistado a partir do próprio pensamento, mas por pensamentos alheios.

Schopenhauer, o homem estimado por Nietzsche

Por tão contundentes críticas, o jovem Nietzsche ficou encantado pela forma perspicaz, clara, fluída e ácida com a qual Schopenhauer criticara os eruditos de sua época. Na *Terceira Consideração Extemporânea: Schopenhauer como educador*, Nietzsche diz:

Assim lutou Schopenhauer, já desde sua primeira juventude, contra aquela mãe falsa, vaidosa e indigna, o tempo, e como que a expulsando de si purificou e curou seu ser e reencontrou-se em sua devida saúde e pureza. Por isso os escritos de Schopenhauer podem ser usados como espelho do tempo; e com certeza não é por um defeito do espelho se nele tudo o que é contemporâneo se torna visível como uma doença deformante, como magreza e palidez, como olheiras e caras abatidas, como as marcas visíveis do sofrimento daquela influência de enteado. A aspiração por uma natureza mais forte, por uma humanidade mais sadia e mais simples, era nele uma aspiração por si mesmo; e, logo que venceu o tempo em si mesmo, ele tinha de ver em si mesmo, com olhos espantados, o gênio. (NIETZSCHE, 1978 – 2ª ed, p. 73, § 3).

Embora Schopenhauer estivesse inserido em um tempo onde a enfermidade cultural estava se alastrando e infectando a todos, conseguiu preservar-se, fazendo de si mesmo um homem saudável e extemporâneo, como mostra Paschoal a partir de uma leitura nietzschiana:

O filósofo de Frankfurt é tido por Nietzsche como o oposto à sobrevalorização da razão lógica que predominou no mundo ocidental e à tendência à extirpação e erradicação da cultura na Alemanha do século XIX. Sendo assim, Schopenhauer é um extemporâneo na medida em que escapa às enfermidades de seu tempo. (PASCHOAL, 2008, p. 340).

Por ter se resguardado em sua própria caverna, Schopenhauer conseguiu enxergar e superar a degeneração cultural que estava presente em sua época, se diferenciando dos eruditos que pensavam mais em si e em sua ciência do que na humanidade⁷. Tal preservação garantiu ao frankfurtiano⁸ tornasse extemporâneo, no qual Nietzsche encontrava nele virtudes potencializadas capazes de ensinar aos homens mais ousados a serem simples e honestos nos

⁷ Os eruditos só se importavam com os seus benefícios próprios, não se preocupando com o bem comum dos homens. A sua vaidade consistia em procurar reconhecimento e poder para si através da sua ciência. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 28 e 30, § 9 e § 11).

⁸ É preciso ressaltar – que, embora atribuamos Schopenhauer como sendo frankfurtiano, foi em Danzig (em alemão), hoje Gdansk, que o mesmo nasceu. A expressão frankfurtiano está ligada à notoriedade de seu pensamento, uma vez que foi em Frankfurt que veio a público *Parerga e Paralipomena*, onde finalmente o seu pensamento ganhou estima de muitos; e a sua obra principal, *O mundo como vontade e como representação*, que o mesmo considerava-a de extrema importância para a humanidade, que outrora teve pouca aceitação, pouco a pouco foi ganhando espaço.

seus pensamentos e nas suas vidas, pois em sua alma havia uma serenidade admirável no que diz respeito ao conhecimento.

Segundo Nietzsche, Schopenhauer era um ser puro para consigo e para com o bem pessoal – era o guia que conduzia da caverna do desânimo cético ou da abstinência crítica à altura da consciência trágica, o céu noturno com estrelas sobre os homens até o infinito, e que, conduziu a si mesmo, como o primeiro, por esse caminho. (NIETZSCHE, 1978 – 2ª ed, p. 71-72, § 3).

Schopenhauer, na ótica nietzschiana, era a verdadeira expressão do espírito alemão que se posicionava contra todos que estivessem inclinados ao ofuscamento do brilho cultural da nação. Ele era um homem que seguia a sua própria consciência, não se inclinando às castas acadêmicas, à ciência, aos governantes, ao lucro exacerbado e aos indivíduos corrompidos pelas maneiras de pensar e os modos de agir dos eruditos – que, só serviam à verdade, quando esta estava em condições de dar-lhes lucros e progressos em suas carreiras.

O filósofo de Frankfurt buscava “independência com relação ao Estado e à sociedade” (NIETZSCHE, 2012b, p. 176) anêmica de sua época, dizendo apenas o que era profundo e comovente, sem retórica, sem pedantismo – não se assemelhando de nenhuma forma aos eruditos. É por isso que Nietzsche o via como uma natureza de ferro que dava mais valor à sua filosofia, para salvaguardar sua própria existência, do que à pretensa cultura alemã que seus contemporâneos estimavam (*Idem, ibidem*, p. 178 e 179), uma vez que o próprio filósofo de Röcken entendia que a filosofia tem a capacidade de “oferecer ao homem um asilo onde nenhum tirano pode penetrar” (*Idem, ibidem*, p. 180).

A crítica nietzschiana

Os eruditos eram indivíduos que tinham um déficit exacerbado de conhecimento para à vida, preocupando-se apenas com o lucro, comportando-se como mercenários sedentos por pecúnia e desengajados com a construção de um saber que unisse o pensamento e a vida. Na visão de Nietzsche, o conhecimento dos mesmos não passava de historicismo que sufocava o presente⁹, deixando os homens inanes: incapazes de parirem os seus próprios pensamentos

⁹ Embora Nietzsche seja um grande crítico da História, em especial da história da Filosofia, por entender que muitos valores que atravessaram séculos e que chegaram até os seus dias não foram questionados, dissecados e problematizados, ocultando por muito tempo a sua real face, negue o conhecimento histórico na sua totalidade. Para ele tal conhecimento só é saudável quando se pode aplicá-lo na vida em prol da preservação da mesma, e não como sufocamento e aniquilação dela.

que superariam o vício imitador de pensamentos alheios e, conseqüentemente, garantiria um conhecimento de desdobramento e expansão da vida.

Por não terem a capacidade de construir pensamentos edificantes, Nietzsche via os eruditos como indivíduos doentes, estéreis, infecundos; contaminados pela impostura e busca desenfreada de uma erudição que não contribuía para que os homens se tornassem autores da sua própria história, permanecendo na impossibilidade de construir e preservar uma cultura que proporcionasse a verdadeira educação¹⁰ emancipatória que garantiria aos homens mais ousados um intelecto superior ao dos indivíduos degenerados, possibilitando o preservar da existência como nos mostra Lima:

Nietzsche espera trazer à tona o valor da existência, que foi perdido pelo apreço sem medida ao conhecimento. O filósofo almeja fazer com que o homem lembre-se de si mesmo, sobretudo como um *criador*, um *artista*. E, ao trazer o exemplo de Schopenhauer, apontando suas qualidades, Nietzsche intenta mostrar que é possível viver à margem, sem honras, solitário e, além disso, negar sua própria vontade pessoal na busca desmedida de conhecimento, e não perecer. (LIMA, 2012, p. 53).

Esse lembrar-se de si mesmo não significa dizer que seja um modelo de pensamento que proporcionasse aos homens uma individualidade extrema, transformando-os em indivíduos individualistas; mas apenas mostrar que era possível, através de uma cultura fecunda, não se deixar seduzir pela busca exacerbada do conhecimento científico¹¹.

Para Nietzsche, o homem teria que ser o oposto dos eruditos da cultura, proporcionando aos indivíduos, por meio do cultivo da verdadeira cultura e de uma educação edificante, um alicerce sólido e significativo que lhes proporcionasse ser o senhor dele mesmo, responsável por sua própria existência; tornando-se perspicaz e denunciador da decadência existente em seu tempo, e buscando, “a partir de si mesmo, sua *missão* no engendramento da cultura em seu todo” (LIMA, 2012, p. 53), preservando dentro de si qualidades que ele aponta ter Schopenhauer:

¹⁰ Rosa Maria Dias em sua obra *Nietzsche Educador*, diz que “educação e cultura para Nietzsche são inseparáveis. Não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que a apoie” (DIAS, 1991, p. 17).

¹¹ Nietzsche se posiciona contra o cientificismo por entender que além dele ser um conhecimento que fragmenta a vida – diferentemente da filosofia, que liga o saber à arte, afirmando a vida em seu conjunto –, o mesmo carrega o instinto de uma suposta verdade que mata a cultura e o seu sistema poético de imagens míticas repleta de ilusões sadias para a vida. Refletindo sobre isso, Rosa Maria Dias diz que “a vida tem necessidade de um olhar que a embeleza, pois ela só é possível ‘pelas miragens artísticas’. O homem da ciência retira o véu benfazejo que cobre a vida e a embeleza, e isso tudo em nome do real e da verdade” (DIAS, 1991, p. 83). E acrescenta dizendo que “[...] a ciência, ao querer reconhecer a vida custe o que custar, ‘destrói as ilusões’ que ajudam o homem a viver” (*Idem, ibidem*, p. 102). E por fim, diz que “Nietzsche, ao criticar a ciência, não visa aniquilá-la, mas conter seus excessos. A vida em pedaços garante menos vida para o futuro do que a vida enfeitada por algumas quimeras” (*Idem, ibidem*, p. 83).

Ele nos ensina a distinguir entre os modos reais e aparentes de fomentar a felicidade humana, e como nem a riqueza, nem as honras, nem o saber podem arrancar o indivíduo da lassidão profunda que ele experimenta diante da ausência de valor de sua existência, e ainda como o esforço para adquirir estes bens só ganha sentido com um objetivo de conjunto elevado e transfigurador: conquistar o poder para, graças a ele, vir em auxílio da *physis* e corrigir, graças a ela, ainda que minimamente, suas loucuras e suas inépcias. (NIETZSCHE, 2012b, p. 184).

Por não possuírem as mesmas qualidades que Schopenhauer, Nietzsche se posicionava contra os eruditos e a sua erudição, uma vez que ela deixava os homens debilitados, cegos, surdos e mudos; ficando na incapacidade de falar de si próprios ou buscar em si mesmos o sentido da sua existência no mundo – vivendo “uma vida desprovida de sentido, sem liberdade e sem ousadia para ter seus próprios pensamentos” (LIMA, 2012, p. 55).

Por esses motivos, Nietzsche via os eruditos como indivíduos disformes, mais criaturas que homens; envolvidos pelo veneno do status e da fama com a sua erudição perigosa, nociva e nefasta que deixava estéril tudo que estivesse ao seu redor – contribuindo para o naufrágio da cultura e suprimindo ferramentas que ajudavam os indivíduos a criarem pontes que os conduziram para além do fastio criativo. Fastio este que os deixava vazios de si mesmos, ficando na incapacidade de “questionar seu próprio ser” (LIMA, 2012, p. 54) e os zumbidos produzidos em seus ouvidos que os induziam a seguir costumes e opiniões alheias – assemelhando-se aos asnos: desconhecedores da existência e do valor da vida.

Considerações finais

Ao criticarem a educação transmitida pelos eruditos na Alemanha oitocentista, Schopenhauer e Nietzsche se configuram como antípodas destes indivíduos. O primeiro por ter em mente que o saber dos eruditos não tinha uma visão geral das coisas, por isso sua ciência estava longe de servir para a formação do homem, uma vez que nela não havia nada de belo e edificante que incitasse nos indivíduos um gosto nobre e elevado de cultura e de vida; o segundo por saber que o conhecimento dos eruditos não passava de historicismo que sufocava o presente, deixando os homens incapazes de construir os seus próprios pensamentos que superariam a reprodução de pensamentos alheios.

Nesse sentido, Schopenhauer, assim como Nietzsche, deflagraram contra os eruditos e sua educação rasteira, críticas muito parecidas por apeterceram um modelo de educação que

instruísse e capacitasse o homem a se tornar autor da sua própria história, da sua própria existência; para que, desta forma, pudesse também pelejar contra todo e qualquer modelo de pensamento que tentasse suprimir a si mesmo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Susana de Castro. *As conferências de Nietzsche sobre educação: a diferença entre bildung e gelehrsamkeit*. Rev. Fragmentos de Cultura, Goiânia., v. 18, n. 5/6, p. 375-382, maio/jun. 2008.
- ASTOR, Dorian. *Nietzsche*. Tradução de Gustavo de Azambuja Felix. Porto Alegre – RS: Editora L&PM, 2013 - 1ª ed.
- BARRENECHEA, Miguel Angelo de. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2008 - 2ª ed.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *Schopenhauer e a imprecisão contra a corrupção intelectual da filosofia universitária: uma polêmica extemporânea*. Rev. Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer., v. 3, n. 1 e 2 - 1º e 2º semestre de 2012 - pp. 101-109.
- CASANOVA, Marco Antônio. *O instante extraordinário: vida, história e valor na obra de Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DIDIER, J. *Dicionário da Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil, 1969.
- DIAS, R. M. *Nietzsche educador*. São Paulo – SP: Editora Scipione, 1991.
- . *Cultura e educação no pensamento de Nietzsche*. Rev. Impulso, v. 12, n. 28, p. 33-40. Piracicaba – SP, 2001.
- DANELON, Márcio. *Nietzsche educador: uma leitura de Schopenhauer como educador*. Perspectiva, Florianópolis. V.19, n.2, p.405-424, jul-dez/2001.
- DELBÓ, A. *Nietzsche e Burckhardt: Estado, crueldade da natureza e da cultura*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 287-310, jul./dez. 2010.
- DAMBROS, Eli Berto. *Schopenhauer e a sabedoria “para a vida no mundo”*. Rev. Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer., v. 5, n. 1 - 1º semestre de 2014 - pp. 143-153.
- FILHO, Rogério Moreira Orrutea. *Tradução do capítulo 28 do tomo II de Parerga e Paralipomena (“Sobre a Educação”)*. Rev. Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer., v. 6, n. 1 - 1º semestre de 2015 - pp. 171-183.

GIACOIA JUNIOR, O. *Folha explica – Nietzsche*. São paulo – SP: Editora Publifolha, 2000.
- (Folha explica).

—————. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis: Vozes, 2013.

ITAPARICA, A. L. M. *Nietzsche e o sentido histórico*. Cadernos Nietzsche 19, p. 79-100, 2005.

JANZ, C.P. *Nietzsche: infancia y juventud*. Madri: Alianza, 1997.

KOFMAN, Sarah. *Os conceitos de cultura nas extemporâneas ou a dupla dissimulação*. In: Nietzsche hoje?. MARTON, Scarlet (org.). São Paulo: Brasiliense, 1985.

LIMA, S. C. F. *A concepção de formação em Nietzsche: uma leitura de “Schopenhauer como educador”*. Comunicações (UNIMEP), v. 19, p. 45-59, 2012.

MARTON, Scarlett. *Friedrich Nietzsche*. São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 1983 - 2ª ed.

MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MOURA, Carlos. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: M. Fontes, 2005.

MANIERI, D. *O senso crítico em Nietzsche*. Rev. Fragmentos de Cultura, Goiânia., v. 17, n. 1/2, p. 61-75, jan/fev. 2007.

MARTINS, Iasmim. *O drama do gênio na metafísica do belo de Schopenhauer: sua mais alta expressão no Torquato Tasso de Goethe*. Rev. Voluntas: estudos sobre Schopenhauer., v. 5, n. 2 - 2º semestre de 2014 - pp. 52-70.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo – SP: Editora Abril cultural, 1978 - 2ª ed.

—————. *O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*. Tradução, nota e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo – SP: Editora Companhia das letras, 1992 - 2ª reimpressão.

—————. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo – SP: Editora Companhia das Letras, 1995.

—————. *Acerca da verdade e da mentira no sentido extranoral*. Tradução de Helga Hooek Quadrado. Lisboa: Relógios D’ Água, 1997.

—————. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

—————. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida – II Consideração intempestiva*. Tradução de Marco Antônio Casa Nova. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. 12^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

_____. *Wagner em Bayreuth: IV Consideração extemporânea*. Tradução e notas de Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

_____. *Fragmentos póstumos (1869-1874)*. Tradução de Luis E. de Santiago Guervós. 2^a. ed. Madrid: Tecnos, 2010. v. I.

_____. *Escritos sobre educação – Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. Tradução e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2012a - 6^a ed.

_____. *Escritos sobre educação – III Consideração intempestiva: Schopenhauer educador*. Tradução e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2012b - 6^a ed.

NICODEMO, Nicola. *Conhecimento e vida como processo de transfiguração produtor de sentido: Sobre razão poética, arte e perspectivismo em Nietzsche*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 215-256, jul./dez. 2014.

PASCHOAL, A. E. *Nietzsche: a boa forma de retribuir ao mestre*. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 337-350, jul./dez.2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia universitária*. Tradução de Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola e Mário Suzuki. São Paulo: Pólis, 1991.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

_____. *A arte de escrever* (Antologia de ensaios recolhidos de Parerga e Paralipomena). Tradução de Pedro Süsskind. Porto Alegre – RS: Col. L&PM POCKET, 2011.

SOARES, Daniel Quaresma Figueira. *O gênio e o santo na filosofia de Schopenhauer*. Rev. Voluntas: estudos sobre Schopenhauer., v. 2, n. 1 - 1^o semestre de 2011 - pp. 83-94.

TONGEREN, P. van. *O filósofo como clínico da crítica à cultura*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 265-286, jul./dez. 2010.

VERNANT, J.-P. *As origens do pensamento grego*. Tradução de I. B. B. Fonseca. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

WEBER, J. F. *Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche*. Londrina: Eduel, 2011.